

**VOZES QUE ECOAM NO DIZER NÃO – UMA ANÁLISE EM
REVISTAS FEMININAS**

**ECHOING VOICES WHEN SAYING "NO"- AN ANALYSIS IN
WOMEN'S MAGAZINES**

Maria Cristina Ferreira¹

maria.ferreira@ifpr.edu.br

RESUMO: As revistas femininas constituem uma instância discursiva exercendo forte influência na vida da mulher. Essas revistas propõem, de certa forma, modelos de papéis de mulher à sociedade no momento em que o movimento feminista tomava mais força no Brasil. O presente trabalho se insere numa pesquisa que tem como objetivo investigar os processos de identificação do feminino no campo do discurso midiático. O nosso objeto de trabalho está centrado no gênero *cartas de aconselhamento* da revista **Claudia**, com o intuito de apreender imagens de enunciadores que atravessam os discursos das publicações da década de 1970, década em que aparecem no Brasil os primeiros grupos da segunda onda feminista. Como fundamentação teórica, recorreremos às propostas da Análise do Discurso de base enunciativa, articulando os conceitos de dialogismo, polifonia e gêneros de Bakhtin (1979) com a noção polifônica de negação polêmica de Ducrot (1987). Com base nos resultados, foi possível apontar enunciadores que, apesar de arraigados aos valores da instituição familiar, parecem ocupar uma pluralidade de posicionamentos no discurso das revistas, destacando a emergência de vozes que começam a valorizar uma vida fora do núcleo da família.

Palavras-chave: Discurso. Polifonia. Cartas de Aconselhamento. Negação Polêmica.

ABSTRACT: Women's magazines constitute a discursive instance which have a strong influence over woman's life. They reflect, to a certain extent, the role a woman plays in society at a moment in which the feminist movement gains strength in Brazil. This work is inserted in a research whose objective is to investigate the processes of feminine identification in the mediatic discourse field. Our object is centered on the genre advice letters in **Claudia** magazine, aiming at apprehending images of enunciators which circulate within the discourses throughout 1970s' issues, when the second wave of feminist groups emerge in Brazil. As a theoretical background, we turn to the proposals of the Discourse Analysis taken from an enunciative approach articulating Bakhtin's (1979) concepts of dialogism, polyphony and genre and Ducrot's notion on polemic negation (1987). Based on the results, it was possible to point out enunciators who, despite the ingrained values linked to the family as an institution, seem to occupy a plurality of positions in the magazines discourse, highlighting the emergence of voices that begin to value life outside the core family.

Key words: Discourse. Polyphony. Advice Letters. Polemic Negation.

¹ Mestre em Linguística pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora do Instituto Federal do Paraná (IFPR).

Introdução

Desde o início do século XVIII, as mulheres, de maneira mais ou menos organizada, lutaram pelo direito à cidadania, a uma existência social e moralmente aceita fora de casa, lugar onde eram reconhecidas como esposas e mães; e, fora do âmbito familiar, restavam-lhes a vida religiosa ou a acusação de bruxaria (PINTO, 2004). A primeira onda feminista tem início em fins do século XVIII, com a Revolução Francesa, perpassa o século XIX e adentra as primeiras décadas do século XX. Desde aí, foram se configurando feminismos vinculados a diferentes correntes político-ideológicas: liberal, cristão, socialista, anarquista. Após a segunda guerra mundial, o feminismo ressurgiu com vigor significativo, sob a influência de obras como *O segundo sexo* (1949), da francesa Simone de Beauvoir, e *A mística feminina* (1963), da americana Betty Friedan. No Reino Unido, destacou-se Germaine Greer, autora de *A mulher eunuco* (1971), considerado o manifesto mais realista do movimento de libertação da mulher e conhecido mundialmente como *women's lib*. A partir daí, não se tratava mais de conquistar direitos civis para as mulheres, mas antes de descrever sua condição de oprimida pela cultura masculina, de revelar os mecanismos psicológicos e psicossociais dessa marginalização e de projetar estratégias capazes de proporcionar às mulheres uma liberação integral, que incluísse também o corpo e os desejos. Hall (2004), ao abordar as causas do descentramento do sujeito pós-moderno, considera que o movimento feminista politizou a subjetividade e o processo de identificação, na medida em que reivindicava uma *identidade* social de seus sustentadores. Para esse sociólogo, “o sujeito assume identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2004, p. 13).

É nesse cenário que o nosso trabalho se insere objetivando identificar de que maneira a imagem da mulher tem sido (re)construída discursivamente dentro de um *cópus* específico, constituído a partir de **cartas de aconselhamento** da revista feminina **Claudia**, mais especificamente as cartas publicadas em três edições da década de 1970. A escolha do nosso objeto de análise se justifica pelo fato de que as cartas nos possibilitam apreender como os processos de identificação e produção de sentidos se estabelecem nos discursos sobre o feminino no período em que o movimento feminista entrecruza essas publicações.

Esse caráter complexo de identificação suscitou nosso interesse em investigar o gênero discursivo **cartas de aconselhamento**, pois ele parece apresentar um lugar-comum da confluência de diversas *vozes* que circulam nesse contexto que, efetivamente, reafirma um

“perfil” de mulher socialmente valorizada pela revista.

Dentro da perspectiva da Análise do Discurso (AD) de base enunciativa, nossa proposta de análise estará centrada na função desempenhada por enunciados negativos dentro de uma concepção polifônica da enunciação, salientando que perfis de enunciadores são mobilizados e que posição enunciativa eles ocupam, a fim de permitir criar diferentes efeitos de sentidos produzidos nos discursos.

Caracterização do *cópus*

O *cópus* com o qual trabalhamos é composto por 12 cartas de leitore(a)s publicadas, durante a década de 1970, na seção intitulada **Claudia responde**, com suas respectivas respostas, sendo 4 cartas da edição de dez./74, 4 cartas da edição de abr./75 e 5 cartas da edição de nov./78². Dentro de um universo temático das **cartas de aconselhamento** (moda, beleza, saúde, relacionamento interpessoal, entre outros.), optamos por trabalhar com as cartas cuja tônica remete a relacionamento interpessoal - mulher/parceiro, mulher/amiga, mulher/filhos.

Enquanto gênero, observa-se que, nas **cartas de aconselhamento**, há presença de marcas que simulam uma interação face a face, tais como o uso de vocativo: “Cara”, “Querida leitora”; uso do imperativo: “faça”, “procure”; a presença de marca de segunda pessoa: “Você”; ou seja, uma simulação de um suposto diálogo, via pergunta/resposta, estruturado a partir de um enunciador empírico - leitora/remetente -, que coloca em cena um outro enunciador - redatora - constituindo, dessa forma, parceiros da mesma interlocução.

Desse modo, as **cartas de aconselhamento** se revestem de características semelhantes protagonizadas por diferentes atores sociais: a *leitora/remetente* que escreve para a revista pedindo “conselhos”; e *redatora (colaboradora)* da revista legitimada pelo lugar social que ocupa, inscrevendo-se nos discursos das cartas como aquela autorizada a “aconselhar” essas leitoras.

Considerando essas apropriações de traços comuns, podemos dizer que as **cartas de aconselhamento** incluem-se no grupo dos gêneros secundários, pois para Bakhtin (1992, p. 281), “os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios”. Assim, como elementos que integram um gênero designado por nós como **cartas de aconselhamento**, a

² A escolha das edições das revistas foi feita aleatoriamente em virtude do material disponível encontrado em sebos pela pesquisadora.

simulação do gênero primário de interlocução desse contexto de comunicação assume marcas que “se integram à realidade existente”, sendo um fenômeno da vida **mediática** e não do cotidiano.

Problema e hipótese de trabalho

Partimos da proposição de que o enunciado sustenta sentidos que não são recuperáveis apenas pela retomada de informações de uma dada realidade empírica. Para a AD, “não existe um sentido *a priori*, mas um sentido que é construído, produzido no processo de interlocução, por isso deve ser referido às condições de produção (contexto histórico-social, interlocutores, entre outros) do discurso” (BRANDÃO, 2004, p. 109). O enunciador, ao interagir discursivamente com seus interlocutores – designados coenunciadores, deixa marcas no seu dito que garantem a produção de determinados sentidos e que relacionam esse enunciado a outros discursos.

Optamos por abordar o tema apresentado – o processo de identificação do feminino – segundo uma perspectiva discursiva, movidos pelo interesse de investigar o seguinte problema de pesquisa:

- que imagens de mulher aparecem instituídas discursivamente por meio da enunciação desses discursos?

Tal problema relaciona-se com a hipótese que fazemos a seguir:

- o discurso sobre o *feminino* contribui para “moldar” uma visão de mulher valorizada pela revista e, conseqüentemente, representa um perfil socialmente aceito pela(o)s leitora(e)s da revista, num momento que a mulher buscava reafirmar sua posição como tal diante de um processo histórico vigente.

Tendo por referência um veículo de comunicação de massa com ampla circulação no mercado editorial, cujo público-alvo é predominantemente feminino, tomamos o gênero discursivo **cartas de aconselhamento** como o lugar onde circulam diversas *vozes* que ecoam no discurso.

Perspectiva teórica

1. Dialogismo e polifonia

Bakhtin (1992) e seu círculo colocaram em cena o conceito de *dialogismo*, que tem exercido um papel fundamental para o entendimento e funcionamento das práticas discursivas

para a Análise do Discurso. Segundo Bakhtin, a linguagem é, por natureza, dialógica, ou seja, todo discurso mantém uma relação estreita com outros discursos. Na concepção bakhtiniana, toda palavra é determinada pelo fato de proceder de alguém que se dirige a alguém, se produz no meio já-dito de outros discursos. Os discursos refletem-se mutuamente como “ecos” de outros discursos que se constituem sócio-historicamente.

O termo *polifonia*, de origem grega, dado à música (*poly* - vários; *phonía* - som), significa “uma reunião de vozes ou de instrumentos” (AURÉLIO, 1999). Esse termo vem prestar uma importante contribuição aos estudos da linguagem, especialmente aos trabalhos da Análise do discurso, fazendo alusão ao fato de que os discursos fazem circular, na maior parte dos casos, pontos de vista dessemelhantes: o autor pode fazer falar várias vozes ao longo do seu discurso sem que nenhuma seja dominante (MAINGUENEAU, 2000), e, por isso, o tratamento conferido ao tema da polifonia é dialógico.

Ducrot, inspirado pelo trabalho de Bakhtin, desenvolve uma noção propriamente linguística da polifonia. Ele retoma o conceito de polifonia, operacionalizando-o num nível lingüístico, segundo “a perspectiva semântica da enunciação, como mesmo num enunciado isolado é possível detectar mais de uma voz” (BRANDÃO, 2004, p. 70). Nessa retomada do conceito, Ducrot exclui a noção de história que, para Bakhtin, é uma noção indispensável. A noção de historicidade em Ducrot se restringe ao presente, ao momento concreto da enunciação. Para ele, a enunciação “é o acontecimento constituído pelo aparecimento de um enunciado” (DUCROT, 1987, p. 168). O autor ratifica a importância, numa concepção polifônica do sentido, de mostrar como o enunciado pode dar uma maior visibilidade à superposição de diversas vozes.

Ducrot sustenta a tese de que o enunciado traz indicações sobre o(s) autor(es) eventual(ais) da enunciação e aponta a necessidade de fazer distinção de dois tipos de personagens: os enunciadores e os locutores. O *locutor* é aquele que, segundo o enunciado, é responsável pela enunciação, ou seja, o *locutor* é apresentado como o ser do discurso, aquele a quem se deve imputar a responsabilidade pelo dizer, distinguindo-se do *sujeito falante*, que é um ser empírico, o indivíduo que enuncia fisicamente o enunciado. A diferença que faz Ducrot entre *locutor* e *enunciador* é mais sutil, pois os enunciadores são “seres cujas vozes estão presentes na enunciação sem que lhes possa, entretanto, atribuir palavras precisas” (MAINGUENEAU, 1997, p. 77). Com efeito, os *enunciadores* não “falam”, mas é a enunciação que lhes possibilita expressar “seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não, no sentido material do termo, suas palavras” (DUCROT, 1987, p. 192). Dito de outra

forma, o *locutor* é capaz de pôr em cena *enunciadores* que apresentam pontos de vista que diferem, ou seja, ele pode se associar a alguns *enunciadores*, ao mesmo tempo podendo se distanciar de outros.

2. A Negação Polêmica

Com um novo olhar sobre a polifonia, Ducrot constrói mecanismos para abordar os fenômenos da linguagem e, para mostrar a pertinência da sua tese, o autor estuda a **negação**, a fim de demonstrar os possíveis desdobramentos das figuras do locutor e enunciador.

Neste trabalho, conferimos um tratamento especial aos enunciados negativos – fenômeno da negação -, partindo da concepção adotada por Ducrot, que sustenta que a enunciação de alguns desses enunciados negativos é passível de análise, na medida em que podemos depreender um embate de posicionamentos atribuídos a dois enunciadores diferentes. Ou seja, a enunciação é vista como “encenação do choque entre duas atitudes antagônicas, atribuídas a dois enunciadores “diferentes”: o primeiro personagem assume o ponto de vista rejeitado, e o segundo, a rejeição desse ponto de vista” (MAINGUENEAU, 1997, p. 80).

Para descrever a negação proposta em sua tese, Ducrot recorre à distinção entre *locutor* e *enunciador*. A partir de um enunciado negativo, a título de exemplo, Pedro não é gentil, o *locutor* (L), na medida em que assume a responsabilidade do enunciado, coloca em cena dois *enunciadores* distintos. Um *enunciador*, designado por E¹, assume um ponto de vista afirmativo subjacente relativo à gentileza de Pedro, ou seja, a asserção de que Pedro é gentil; e um outro *enunciador*, E², ao qual L é habitualmente assimilado, que se opõe a E¹. Portanto, E¹ e E² sustentam dois pontos de vista antagônicos, que, segundo Ducrot, aparecem na maior parte dos enunciados negativos.

Considerando o seguinte enunciado: *Pedro não é gentil; ao contrário, é insuportável*, percebe-se que *é insuportável* exprimiria uma relação de oposição não a *Pedro não é gentil*, mas ao ponto de vista afirmativo subjacente em tal negação, ou seja, *Pedro é gentil*. Em contrapartida, se alguém enuncia que *Pedro é gentil*, entende-se geralmente que alguém declarou que ele não o era, mas não se pode aludir “à atitude deste enunciador virtual” (DUCROT, 1987, p. 203), para se opor a ele através do emprego de *ao contrário*. Ducrot conclui que tal *enunciador* tem uma presença e um estatuto diferente no enunciado positivo e no negativo.

Análise dos dados

O movimento feminista no final da década de 1960 encontra um Brasil oprimido pelo regime militar; o País vivia um clima de ditadura, repressão e morte, as liberdades democráticas eram cerceadas. De acordo com Pinto (2003), é nesse contexto que emerge um feminismo organizado dos anos 1970. Esta nova onda feminista não apenas lutou contra a ditadura militar, mas também lutou contra a hegemonia masculina. Dessa maneira, privilegamos o recorte de *cópus* das revistas datado na década de 1970, pois é nesse cenário que as mulheres não só lutavam pela mudança dos papéis atribuídos a elas pela sociedade, mas também para pôr em xeque a sua própria condição de dona-de-casa, esposa, mãe.

Para melhor definir as designações dos perfis dos enunciadores inscritos nas *cartas de aconselhamento*, destacamos aqueles preponderantes nos discursos das cartas por questões metodológicas.

A análise das **cartas de aconselhamento** permitiu-nos constatar uma possível entrada para este trabalho – a marca linguística *não* – recurso que assevera a inscrição de vozes polêmicas, segundo a teoria polifônica de Ducrot. Tal presença funcionaria como uma introdução de diferentes pontos de vista sem que os mesmos sejam atribuídos ao *locutor* – aquele a quem é imputada a responsabilidade dos enunciados negativos.

Para a abordagem discursiva que adotamos, chamaremos locutores todos aqueles que assumem o enunciado negativo e instauram uma oposição com diferentes categorias de enunciadores que assumem o ponto de vista afirmativo subjacente aos enunciados negativos, configurando, assim, as vozes advindas de diferentes posições enunciativas.

Para o levantamento dos enunciados negativos em nosso *cópus*, depreendemos as afirmativas subjacentes por meio do teste preconizado por Ducrot – encadeamento com a expressão *ao contrário*. O enunciado introduzido pela expressão *ao contrário* não rejeita o que é dito anteriormente, mas uma afirmativa que lhe estaria implícita.

Assim, nas 12 cartas que compõem nosso *cópus*, destacamos 23 enunciados negativos³. Após a depreensão de cada afirmativa, constatamos que as vozes recuperadas poderiam ser agrupadas nos quatro perfis por nós designados: **tradicionalista, subjugada, impositiva e autônoma**. Designamos tais perfis com base num dado ‘juízo’ que o locutor estaria revelando sobre seus enunciadores ao negar seus pontos de vista. Tais perfis remetem a possíveis imagens de *mulher* inserida num dado momento histórico-social, ao qual nos referimos anteriormente.

³ Os enunciados negativos estão em itálico.

Vejamos os seguintes enunciados negativos abaixo correspondentes às **cartas de aconselhamento** da década de 1970⁴ veiculadas na Revista Claudia:

Carta 1 (ano 1974 edição 159)

VL ... *minha atitude não seria justa para com meus pais.*

PS - ...minha atitude [de tentar a vida em outra cidade] seria justa para com meus pais.

Enunciador: autônoma

O enunciador que sustenta a afirmativa é alguém que não acha que deixar os pais, afastando-se deles para morar em outra cidade, seja um problema.

VR *Afinal, uma pessoa nas suas condições não pode viver sem perspectivas.*

PS - Viver [nas suas condições] é viver sem perspectivas.

Enunciador: autônoma

O enunciador reafirma que a leitora deva ter uma vida fora da família e que dedicar-se à família não é a sua única “condição” de vivê-la [vida].

Carta 2 (ano 1974 edição 159)

VL ... *já não se respeita mais os valores como antigamente.*

PS - ...ainda se respeitam os valores como antigamente.

Enunciador: tradicionalista

O enunciador resgata a visão tradicionalista do que seja um *valor* digno de respeito.

VL *As pessoas [...] não se preocupam em desmanchar lares.*

PS - Desmanchar lares é preocupante.

Enunciador: tradicionalista

Entra em cena um enunciador que se preocupa com a manutenção do núcleo familiar.

Carta 3 (ano 1974 edição 159)

VR ...*[você] não ter pensado nos motivos dos pequenos desentendimentos...*

PS - Você pensa nos motivos dos pequenos desentendimentos.

Enunciador: tradicionalista

⁴ As siglas VL, VR e PS referem-se, respectivamente, à voz da leitora, voz da revista e ponto de vista subjacente ao enunciado negativo.

O enunciador responsável que sustenta o ponto de vista afirmativo é aquele que, apesar das brigas e desentendimentos, é capaz de ponderar e ceder em prol da manutenção do relacionamento.

Carta 4 (ano 1974 edição 159)

VR *Trate de ajudá-lo [parceiro] a sair da crise: com paciência (não resignação e submissão), com intuição e com afeto.*

PS - Para ajudar o parceiro a sair de uma crise [conjugal], há quem o faça com resignação e submissão.

Enunciador: subjugada

O enunciador colocado em cena é aquele que, para manter a ordem familiar, deve ser “compreensivo” ou, melhor dizendo, deve submeter-se às suas “crises” conjugais. Logo, é um enunciador resignado, submisso aos desejos do parceiro.

VR *Visto o bom relacionamento existente até hoje entre vocês, é possível que as coisas não passem de uma tempestade num copo de água.*

PS - As coisas são mais do que uma tempestade num copo d’água.

Enunciador: autônoma

O enunciador colocado em cena é alguém que não deve considerar que as “escapadas” do parceiro sejam um problema irrisório, sem que cause grandes danos ao relacionamento. Portanto é um enunciador que começa a questionar sua condição de resignação e submissão.

Carta 5 (ano 1975 edição 163)

VL *...para ele não me deixar eu dei liberdade total...*

PS - É possível que ele me deixe.

Enunciador: subjugada

O enunciador que sustenta tal ponto de vista é alguém que se amedronta pelo fato de poder ser abandonada pelo parceiro.

VR *Ora, eu não tenho nenhum meio de influenciar a vontade dos outros.*

PS - Eu tenho algum meio de influenciar a vontade dos outros.

Enunciador: impositiva

O enunciador que se instaura é um “estrategista” capaz de manipular a vontade alheia.

VR ...*O sexo não é uma arma.*

PS - O sexo é uma arma.

Enunciador: impositiva

Há um enunciador manipulador que usa o sexo como uma arma.

VR ...*Ao mentir que é virgem, você situa sua defesa num pormenor físico e não na sua própria vontade.*

PS - [Seria desejável situar] sua defesa na sua própria vontade.

Enunciador: autônoma

Há um enunciador que preza sua própria vontade.

Carta 6 (ano 1975 edição 163)

VR ...*esqueça essa história porque você não tem nada a ver com isso.*

PS - Você tem algo a ver com isso [o namoro da amiga].

Enunciador: impositiva

Entra em cena um enunciador que pensa que se deve envolver-se no relacionamento da amiga e que se deve pensar que o problema também seria seu.

VR ...*não telefone para ninguém, nem diga nada.*

PS - ...telefone para[x] e diga[algo/tudo].

Enunciador: impositiva

O enunciador assume um tom “autoritário”, na medida em que dita as regras do jogo, convocando “a leitora da revista” a assumir a responsabilidade do problema da amiga como se fosse o seu.

Carta 7 (ano 1975 edição 163)

VR ...*Ficar reclamando não adianta.*

PS - Ficar reclamando adianta.

Enunciador: autônoma

Há um enunciador frustrado diante de uma característica física (feiúra), ou da incapacidade de relacionar-se com outros rapazes e tira proveito do seu “lamento” para tentar reverter essa situação.

Carta 8 (ano 1975 edição 163)

VL ...vivo dizendo que não o amo...

PS - ...vivo dizendo que o amo.

Enunciador: tradicionalista

O enunciador que sustenta tal ponto de vista é alguém que é devota ao parceiro, que sente a necessidade de “demonstrar” seu amor a ele para satisfazê-lo (parceiro).

Carta 9 (ano 1978 edição 206)

VL Mas não consigo compreender porque ajo assim.

PS - [É preciso] conseguir compreender por que ajo assim.

Enunciador: [y]

O enunciador que sustenta o ponto de vista afirmativo é alguém que deseja conhecer seu interior, compreender-se melhor, identificando-se com um certo ideal de “sujeito psicanalisado”.

Carta 10 (ano 1978 edição 206)

VL Minha melhor amiga tem um namorado e eu não acho que ela seja mais bonita do que eu.

PS - Eu acho que ela é mais bonita do que eu.

Enunciador: subjugada

O enunciador colocado em cena é alguém que se desqualifica, desvaloriza-se como pessoa por causa de sua aparência física.

VL...Não sei se o problema existe por causa da minha feiúra ou do meu “papo furado”.

PS - [Possíveis causas do problema são] minha feiúra ou meu “papo furado”

Enunciador: subjugada

Há quem julga um modo de ser, físico e comportamental, sendo a causa do fracasso de seus relacionamentos.

VR Vou dar um conselho a você: aprenda, desde já, a não ficar se comparando com outras pessoas.

PS - [Há quem fique] se comparando com outras pessoas.

Enunciador: subjugada

O enunciador que sustenta tal ponto de vista é alguém que não tem confiança em si própria, na sua capacidade de realizar seus desejos e passa, então, a se comparar aos outros.

VR ...*O que acontece com [x] não tem que acontecer com [y] também.*

PS - O que acontece com [x] tem que acontecer com [y] também.

Enunciador: impositiva

Há quem pensa que tudo o que acontece com uma pessoa deva acontecer com outra, sem abrir espaços para questionamentos, diferenças etc.

Carta 11 (ano 1978 edição 206)

VR ...*Não tenho nada contra a diferença de idade...*

PS – Tenho [algo] contra a diferença de idade.

Enunciador: tradicionalista

O enunciador assume um ponto de vista preconceituoso, que considera a diferença de idade um tabu.

VR *Não queira precipitar nada.*

PS - Há quem precipita as coisas.

Enunciador: subjugada

O enunciador que sustenta a afirmativa é alguém que sabe da existência de pessoas que tomam atitudes impensadas e imaturas.

Carta 12 (ano 1978 edição 206)

VR ... *Para os pais poderem dar essa liberdade aos seus filhos e não sentirem que estão “perdendo o pé”...*

PS - Há pais que, ao darem liberdade aos seus filhos, sentem que estão “perdendo o pé”.

Enunciador: subjugada

O enunciador que sustenta a afirmativa é alguém que, ao dar liberdade aos filhos, como deixá-los dormir fora de casa, teme que possa vir a perder o ‘controle’ sobre eles. O enunciador que se inscreve no enunciado é aquele que sabe da existência de pessoas que ainda não cortaram o “cordão umbilical” que os une aos filhos.

Definimos o enunciador **tradicionalista** como aquele que mantém valores da

instituição familiar, que se submete a qualquer coisa em prol da manutenção do núcleo familiar. O ponto de vista do enunciador colocado em cena é aquele que valoriza o casamento e, por isso, “fecha os olhos” diante dos problemas conjugais. Esse enunciador é alguém que sabe da existência de pessoas que devam permanecer ligadas à família, além de evocar um enunciador *preconceituoso* em relação aos que se desviam dos padrões considerados valorizados pela instituição familiar.

O enunciador que definimos como **subjugada** seria aquele que não tem confiança em si próprio, incapaz de tomar decisões e recorre a outros para pedir conselhos e buscar soluções. O enunciador **subjugada** seria aquele que mantém um ponto de vista que faria pensar que alguém se sente desvalorizado com sua aparência, levando, pois, a se comparar com outras pessoas; e o fato de não se encaixar nos “padrões” de beleza, poderia acarretar num problema. O locutor coloca em cena um enunciador que parece não ter controle de sua própria vida, sente-se amedrontado diante dos problemas e, por essa razão, toma atitudes precipitadas.

Designamos o enunciador **autônoma** como alguém que busca traçar seu próprio caminho, alguém que adota uma postura de questionamento e mudança da própria vida. O enunciador colocado em cena é aquele que assume um ponto de vista de alguém que deva ter uma vida fora da família, pronta para questionar aquilo que a aflige, sem se resignar à vontade alheia. Esse enunciador é colocado nas afirmativas subjacentes, levando a crer que, nos discursos das cartas, a voz assumida por esse enunciador parece colocar em evidência uma visão de mulher que quer “libertar-se” das correntes que a amarram.

Por último, definimos o enunciador **impositiva** como alguém que é capaz de influenciar a opinião dos outros com um “tom” de rigidez, que oscila entre o mais brando e o mais severo. É alguém que usa o sexo como forma de manipulação. Por outro lado, vemos um enunciador que se inscreve no enunciado, dando um “ar” de intimidade e de aproximação com a leitora, a ponto de se envolver e interferir em sua vida.

Verificamos, em nosso levantamento, a presença de vozes não coincidentes com os perfis acima. No entanto, apesar da ausência de um possível enunciador que se atualiza no nosso cópulo, não podemos deixar de contestar sua presença. Mas quem seria esse outro enunciador?

Observamos que a afirmativa implícita do enunciado da **carta 9** parece colocar em cena um enunciador que sustenta o ponto de vista, a quem poderíamos qualificar como alguém que deseja conhecer seu interior, compreender-se melhor.

Conclusão

Este artigo teve por objetivo investigar de que maneira a imagem da **mulher** é (re) construída discursivamente num período histórico – década de 1970 - que procurava marcar uma mudança de atitude e inscrever novos papéis da mulher na sociedade. Para tanto, delimitamos um *cópus* que atendesse aos nossos propósitos e que nos fornecesse uma entrada linguística – a marca *não* de negação polêmica - que constitui a inscrição de vozes, remetendo, dessa forma, a posições de sujeitos. Nossa perspectiva teórica está embasada numa teoria de base enunciativa, vinculada, portanto, a uma concepção polifônica do enunciado. Nossa análise procurou apreender um certo modo de subjetivação, a saber, posições de sujeitos, buscando reconhecer no *cópus* perfis de enunciadores mobilizados no discurso por meio da apreensão das afirmativas implícitas nos enunciados negativos. Nas análises feitas, destacamos alguns aspectos que nos pareceram relevantes.

O primeiro deles relaciona-se com a questão do gênero discursivo – **cartas de aconselhamento**. Entre as finalidades das cartas, podemos citar: dar uma oportunidade de trazer a voz da mulher para a revista, fornecer conselhos e informações “solicitadas” pelas possíveis leitoras da revista e, mais especificamente, construir “verdades” com inúmeros conselhos e inestimáveis sugestões que concernem ao modo de vida das mulheres. Os sujeitos desse gênero discursivo - a “mulher” (revista) que escreve para “outra mulher” (leitora) já se constituem uma pluralidade de representações de realidades marcantes e distintas, mantendo em comum um “espaço” para dialogar. Consideramos que esse diálogo não representa uma interação presencial face a face, mas uma simulação de interação entre os interlocutores (revista/leitora) e, principalmente, uma **atitude responsiva** a outros discursos, conforme a concepção bakhtiniana. Dessa forma, o gênero discursivo assegura uma legitimidade ao locutor, seja com o intuito de informar, seja por pressupor um interlocutor que irá coadunar os valores que estão no discurso. Os discursos sobre/para a mulher nas **cartas de aconselhamento** são assegurados pelos sujeitos ditos especialistas, que dão legitimidade e autoridade aos juízos tecidos acerca de **como se deve/pode viver**. Esses sujeitos que têm seu lugar legitimado pelo gênero acabam por reafirmar um “papel” de representante da mulher “virtual” (leitora) e, por extensão, da mulher brasileira.

Verificamos a presença da marca linguística *não* que, na superfície discursiva, instaura posições de sujeitos distintos, na medida em que o sujeito se constitui em relação ao *outro*, entendido aqui como uma voz polêmica na concepção polifônica de Ducrot. Por meio das

afirmativas subjacentes aos enunciados negativos, pudemos identificar as vozes trazidas pela Revista *Claudia*, ou melhor, pontos de vista inscritos no discurso. Notamos que há uma incidência expressiva de uma visão tradicionalista de mulher, destacada pelos enunciadores **subjugada**. Ao mesmo tempo, percebemos que, neste cenário, as lutas feministas tentam conscientizar as mulheres do seu papel na sociedade, reivindicar a igualdade de direitos e buscar a não passividade diante de sua própria condição social. Acreditamos que, por essa razão, começa a aflorar no discurso das cartas uma voz que coincide com a luta travada pelos movimentos feministas, a voz do enunciador **autônoma**, uma voz que é desqualificada pelo locutor, mas que pode ser depreendida no enunciado. Somando-se a isso, caracterizamos um enunciador **impositiva** assumindo uma posição enunciativa na qual se posiciona numa situação de “imposição” com um certo “ar” amigável e manipulador. Tal posicionamento parece configurar o momento histórico referente à questão das lutas feministas que estão em busca de um “espaço” e que, para tal, parecem utilizar “instrumentos” de que dispõem.

No início da década de 1970, os primeiros grupos feministas inspirados no feminismo europeu e americano começaram a surgir nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Esses grupos tinham um caráter bastante privado, eram grupos de reflexão, informais, que reuniam mulheres que se conheciam. Segundo Pinto (2003, p. 49), as mulheres se uniam por afinidades intelectuais e até políticas. A autora argumenta que, “enquanto no resto do mundo ocidental as mulheres procuravam discutir sua posição na sociedade, seu corpo e seu prazer, um punhado de mulheres brasileiras fazia a mesma coisa, mas pedindo desculpas.” (2003, p. 51). O fato é que, embora esses grupos fossem “malvistas”, essas mulheres foram responsáveis por abordar questões fundamentais sobre a condição da mulher.

Enquanto os Estados Unidos e Europa enfrentavam uma turbulência política, de revolução de costumes, de radical renovação cultural, o Brasil enfrentava um clima de repressão militar. A revista **Claudia** se inseria neste contexto fundamental da realidade brasileira onde a presença dos movimentos de mulheres entre as classes médias e populares caminhava na mesma *via* com o movimento feminista. “[Os movimentos de mulheres] foram movimentos organizados não para pôr em xeque a condição de opressão da mulher, como no caso do feminismo, mas para, a partir da própria condição de dona-de-casa, esposa e mãe, intervir no mundo público.” (PINTO, 2003, p. 43).

Em suma, com as análises de caráter polifônico, pudemos constatar que há uma pluralidade de sujeitos que se inscrevem nos discursos das **cartas de aconselhamento**. Constatamos que a imagem de mulher projetada pela revista é de uma mulher que quer

romper com os laços que a mantêm “presa” a sua condição social, com seus problemas, com suas inseguranças e com seus anseios, buscando soluções “milagrosas” e legitimando a revista como “tábua de salvação”. Apesar de tudo, essa mulher ainda privilegia o lar, a vida em família, o casamento indissolúvel como “única” opção de vida.

Referências

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. Tradução do francês por Maria Ermantina G. G. Pereira. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1992, 421.

BRANDÃO, Helena H. N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Editora Unicamp, 2004, 124.

CLAUDIA. São Paulo: Abril, n. 159, dez. 1974.

CLAUDIA. São Paulo: Abril, n. 163, abr. 1975.

CLAUDIA. São Paulo: Abril, n. 206, nov. 1978.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. São Paulo: Pontes, 1987, 222.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva Guaracira Lopes Louro. 9. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2004, 102.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. São Paulo: Pontes, 1997, 198.

_____. **Termos-chave da análise do discurso**. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2000, 355.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo; Fundação Perseu Abramo, 2003, 119.